

© Gilmar Saint' Clair Ribeiro, 2002

## ADVERTÊNCIA

O Autor reserva-se todos os direitos sobre o texto que segue.

É proibido: 1) reproduzi-lo, ainda que parcialmente, e seja qual for o meio ou processo de reprodução; 2) proceder à memorização ou recuperação dele em sistema de processamento de dados; 3) divulgar-lhe o conteúdo, parcial ou integralmente, especialmente através da imprensa, rádio ou televisão; 4) utilizá-los de qualquer outro modo antes de sua efetiva publicação com as entidades contratadas para tanto.

A violação dos direitos autorais constitui crime, punível com prisão de três meses a um ano e multa (CP, art. 184, na redação dada pela lei no 5988/73 - Lei dos Direitos Autorais - arts. 122, 123 e 124).

Sua indevida divulgação também constitui crime, que se pune com prisão de um a seis meses e multa (CP, art. 153)

## **NÃO CONFUNDA ALHOS COM BUGALHOS**

Apetrechos para os tripulantes de nossa língua

*"A verdade está nos matizes"...*

## **APRESENTAÇÃO**

## **INTRODUÇÃO**

Uma língua é patrimônio de uma comunidade, e quem a faz e a altera ou a desfaz é o povo, a maioria, contra cujo ímpeto nada pode a voz isolada de um sábio, de um erudito ou de um especialista.

No entanto, e no momento em que redijo esta introdução vivemos um período de intensa propaganda eleitoral, assim como nas eleições o voto da maioria pode ser efeito de uma campanha habilmente orquestrada por uns tantos homens, também na atividade humana da linguagem — a mais democrática de todas — o exemplo de uma minoria ilustre, se é suficientemente difundido, pode orientar e dirigir a decisão lingüística da multidão.

A linguagem não se submete a leis cegas. É um fato humano, e, como tal, submete-se à vontade humana; não apenas a vontade de quem *propõe* um uso, mas a de quem *decide* segui-lo. Portanto, cabe falar de uma direção imposta a uma língua. Direção que, por certo, está nas mãos dos escritores mais lidos — e entre eles hoje deve-se incluir os bons jornalistas — e talvez dos gramáticos, com os quais ou sem os quais, ironizam, a língua caminha tal e qual...

Das pessoas que pautam seu modo de falar e de escrever pelo exemplo dos bons escritores de sua época ou pela norma dos bons gramáticos, se diz que falam ou escrevem bem. Não entendo aqui por bom escritor o que se caracteriza pelo uso impecável do idioma, e sim aquele que cria obra de qualidade literária em qualquer especialidade que seja. Ademais, a linguagem correta ainda goza de certa consideração social. É um adorno, um fator de distinção na pessoa que a possui.

Entretanto, não é isso precisamente que se deve buscar quando se procura depurar a própria expressão lingüística: falar bem não é o mesmo que estar bem vestido, bem penteado e com os sapatos reluzentes... Aspira-se à perfeição da fala porque ela é um instrumento de importância vital para a convivência humana.

E, nesse sentido, tem seu grande papel o gramático, que vai nos ensinar a selecionar, entre as várias formas circulantes, as que são preferíveis, por se adaptarem melhor ao espírito do idioma. Ele nos lembra, ou nos dá a conhecer, os usos normais e correntes em nossa língua e que nós, por qualquer motivo que seja, não soubemos pôr em prática.

O neologismo e o estrangeirismo — não se arrepiem os puristas... — não são, em si, um mal para o idioma. Mas o que é preciso é que tais importações se acomodem bem ao "gênio do

idioma", se amoldem às estruturas formais de nossa língua. E, sobretudo, é mister evitar que a introdução de estrangeirismos e neologismos ocorra de forma anárquica. Os estrangeirismos despropositados, os neologismos caprichosos, rotulados pelos gramáticos de barbarismos lingüísticos, cedo ou tarde serão eliminados, pois qualquer idioma tem vitalidade suficiente para assimilar ou expulsar os elementos estranhos, e quando isso não se dá, é porque ele está a ponto de deixar de existir.

A língua é um ente em constante evolução, e pretender traçar limites entre o que nela é "correto" ou "incorreto" só pode ser feito com referência a determinado momento histórico. Quantos modos de falar que teriam escandalizado em outros tempos são hoje usados com toda a tranqüilidade pelos escritores mais apreciados! O que atualmente nos parece vício de linguagem, amanhã pode ser perfeitamente normal. Por isso, este livro está longe de ter a pretensão de ser um código lingüístico. Seu objetivo é estimular o senso lingüístico de cada falante do idioma português a fim de que trabalhe no aperfeiçoamento de sua própria linguagem individual.

Para dar meu modesto contributo nessa direção, e, mais especialmente, no âmbito da lexicografia, valho-me de minha experiência de três décadas como revisor de textos, tradutor e escritor.

Meu método é simples: todas as vezes que certas palavras de uso corrente ou quase tanto se acham ligadas por uma idéia genérica, comum, diferenciando-se entre si por idéias particulares acessórias não muito distantes, e que só uma análise fina pode distinguir em seus matizes, considero-as como objeto deste estudo, atentando para a diversidade de aspectos acidentais sob os quais se pode considerar a idéia principal.

Esse estudo exercitará a sagacidade do entendimento, acostumando-o a distinguir o que seria fácil confundir; ao determinar o sentido próprio dos termos, prevenirá os equívocos e anfibologias; ajudará o estilo a adquirir aquela propriedade de expressão, aquela precisão que é a pedra de toque dos bons escritores.

No lapso de tempo de elaboração desta obra, 17 anos..., a língua continuou sua evolução incessante, e se é certo que muitos dos aspectos aqui comentados não mudaram de modo perceptível, outros talvez tenham deixado de existir como problemas lexicográficos, ou porque decididamente tomaram outro caminho, ou simplesmente porque se evanesceram, perdendo-se nas brumas do tempo, enquanto problemas novos passaram a ocupar a atenção dos

falantes. É que a língua, convém insistir, não é um ente imutável, como também não o são os seus usuários, nem nenhum outro ser vivo ou inerte deste planeta...

Reportando-me a certos padrões cultos formais de nossa língua é preciso levar em conta que tais padrões formais podem diferir do que seria aceitável em nível coloquial. Ora, é sabido que uma pessoa age corretamente quando o faz obedecendo a certas normas preestabelecidas, e incorretamente quando as contraria. Qualquer falante, até o mais iletrado, expressa-se de acordo com determinadas normas que, no conjunto, constituem seu maior ou menor grau de competência lingüística e de competência de comunicação, mas só o faz "corretamente" quando utiliza em uma situação determinada a norma socialmente exigida para isso.

Por que propor aqui o uso culto, e não o popular, o do homem da rua? Porque as formas populares, por sua própria natureza, são de âmbito limitado e de vida efêmera. O nível de língua culto é o único que oferece as condições intrínsecas suficientes para servir à unidade dos falantes de uma língua determinada, em nosso caso, a língua portuguesa.

Se a ignorância, o mau gosto, o pouco respeito à nossa língua introduzem todos os dias termos, expressões e modos de falar estranhos, a ponto de o jornalista Marcos de Castro, autor de *A Imprensa e o caos na ortografia* (1998) ter afirmado que "o português no Brasil caminha para o caos absoluto", por que não se acolherá com benevolência uma obra que contribui para melhorar nossa língua?

O leitor será tanto mais disposto à indulgência quanto se for convencendo pela experiência que, ao consultar esta obra, o homem letrado o fará com proveito, achando nela múltiplos recursos para variar a frase e aprimorar seu estilo.

\* \* \*

Em nossos dias, a evolução e o enriquecimento da língua em todos os seus aspectos tornaram-se tão rápidos que presenciamos uma proliferação vertiginosa e extraordinária da terminologia.

Definir vocábulos, até o mais comum, como fazemos aqui, é bem mais difícil do que se poderia pensar: cumpre que a definição abranja todas as suas características essenciais, e, a um só tempo, exclua as acessórias.

Por outro lado, para que além de obra de consulta o trabalho constitua uma leitura tanto quanto possível interessante, fizemos que a maioria das definições fossem acompanhadas de frases adrede fabricadas em que o vocábulo em apreço é usado. Ou as abonamos recorrendo aos bons escritores.

Para o leitor curioso, a origem de certas palavras, isto é, sua etimologia, também é consignada.

Ao levar todos esses aspectos em consideração, talvez não haja exagero em afirmar que o consulente não tem em mãos um mero repositório de vocábulos, pois esta obra tem características de uma verdadeira enciclopédia, em que vão de permeio noções de moral, direito, filosofia, teologia, história, geografia, etimologia, lingüística, filologia etc.

Em geral todos os dicionários e enciclopédias de uma língua mais ou menos se repetem quanto aos verbetes e subverbetes. Entretanto, cada lexicógrafo — e aqui uso uma expressão em voga — procura de algum modo "fazer a diferença": ele toma a lixa de água e a passa em todo o repertório vocabular preparando-o para novos polimentos que o abrilhante ainda mais... Quiçá com a veleidade de algum dia ser recomendado como Horácio fazia a respeito das obras dos autores gregos: *Vos exemplaria Graeca nocturna versate manu versate diurna* [Compulsai as obras gregas com mão noturna e diurna]...

Ao término destas considerações introdutórias, faço minhas as seguintes palavras do inesquecível professor Silveira Bueno:

*"Muitos costumam ir-se defendendo das imperfeições do trabalho, dizendo na introdução que tudo foi feito muito às pressas, como se o tempo fosse o único responsável pelos erros do autor [... Estará meu livro] isento de erros e de senões? Prouvera a Deus que assim fosse! Quer apenas significar que os erros e os senões ainda agora encontráveis nesta obra, não pudemos corrigir ou descobrir: os olhos dos pais acham sempre perfeito o rosto amado dos filhos. Desejamos que os nossos amigos descubram essas faltas e no-las comuniquem a fim de que se complete a nossa boa vontade com as luzes dos que sabem muito mais do que nós"...*

O AUTOR